



OLHARES SOBRE A CULTURA
DISCURSO NA ABERTURA DO ENCONTRO “OLHARES SOBRE A CULTURA”

20 Fevereiro 2015 – Auditório Vita – 21h

A génese deste ciclo de debates – hoje é o segundo – reporta-se à convicção de que é possível convergir olhares diferentes. A figura da **Ágora** helénica, imagem base do cartaz dos nossos encontros, quer denotar isso mesmo. Sabemos que o termo *ágora* significa “assembleia” ou “lugar de reunião”. Não deverá, hoje, este lugar do encontro, ou se preferirmos da nova ágora, ser um hino à diferença e à sadia convivência de diferentes mundividências?

No encontro desta noite fixamos o nosso olhar na cultura. Realidade complexa que engloba o largo espectro de tudo quanto é humano. A **cultura** não se esgota, nem queremos que se esgote, no universo das artes. Ela é também o resultado dos valores que sustentam e caracterizam a identidade de uma sociedade. Por isso, apostar na Cultura, com letra maiúscula, significa construir o futuro da Humanidade.

O itinerário histórico da Humanidade conduziu-nos a um período – a que muitos chamam de pós-modernidade – de contornos nublosos e incertos. Perante a incerteza, muitos deambulam sem rumo certo ou, porventura, à espera de dias mais certos. Ralph Emerson dizia, com certo humor, que quando “se patina sobre o gelo fino, a nossa segurança está na velocidade”, ou seja, corre-se para sobreviver mas não se sabe bem para onde.

Outrora partia-se do transcendente; hoje sufocam-nos tantas realidades imanentes que apenas com muito engenho lhes encontramos um fio condutor. O Papa Francisco sublinhou isto mesmo em Novembro passado ao Conselho da Europa. “Ao longo da sua história, [a Europa] sempre se ergueu para o alto, para metas novas e ambiciosas, animada por um desejo insaciável de conhecimento, desenvolvimento, progresso, paz e unidade... Hoje as coisas não estão assim e podemos, legitimamente, falar de uma Europa multipolar. As tensões – tanto aquelas que constroem como as que desagregam – verificam-se entre múltiplos polos culturais, religiosos e políticos”.

Eis o grande risco: a destruição das nossas raízes culturais e, porque não o dizer também, das nossas raízes judaico-cristãs. O Papa Bento XVI afirmou no Bundestag (parlamento alemão) que a íntima identidade da Europa nasceu de um tríptico encontro entre a fé de Israel, a razão filosófica dos gregos e o pensamento jurídico dos Romanos. Apesar de se tratar de uma afirmação histórica, é sintomático quando nem no plano histórico é concedido



domicílio à fé. Refiro-me, de modo muito particular, à omissão das raízes judaico-cristãs no célebre proémio da Constituição Europeia.

Os **olhares** desta sessão debruçam-se sobre o desporto, as neurociências e a física. Não pretendemos orientar as conversas dos nossos convidados. Ouso, todavia, respigar algumas afirmações, a partir do pensamento dos últimos papas, que versam estes domínios.

Em primeiro lugar, o desporto. É, sem dúvida, uma das mais relevantes manifestações globais com capacidade de transmitir valores humanísticos e espirituais. “Ao lado do desporto, que ajuda o homem, – [afirma João Paulo II] – existe o desporto que prejudica a pessoa humana; ao lado do desporto que mobiliza o corpo humano, existe o desporto que o humilha e trai; [...] ao lado do desporto que une, existe o desporto que divide” (João Paulo II, *Jubileu dos desportistas em 2000*).

A divisão, como sabemos, tem muitos nomes. O mais doloroso é, porventura, o solipsismo antropológico que nos aparta da realidade e esvazia a nossa interioridade, quase que reduzindo o ser humano ao “eu psíquico” e ao bem-estar emotivo. Neste reducionismo é oportuno reconhecer, segundo Bento XVI, que “o vazio em que a alma se sente abandonada, embora no meio de tantas terapias para o corpo e para o psíquico, gera o sofrimento” e que “a alienação social e psicológica e as inúmeras neuroses que caracterizam as sociedades opulentas devem-se também a causas de ordem espiritual” (*Caritas in Veritate* 76). Sei que *interioridade* é uma palavra com cunho espiritual e por isso inconveniente. Mas não foi precisamente a dimensão espiritual, a grandeza de alma e o sonho pueril dos nossos antepassados que, segundo Camões, transformou o cabo das tormentas no cabo da Boa Esperança?

Por último, no meio de tantas conquistas, não será este o tempo “de a razão e a fé voltarem a estar unidas de uma forma nova” (Bento XVI)? Não será este o tempo da razão procurar uma nova amplitude e da fé despojar-se de sentenças absolutas?

Acredito que este é um tempo novo e gostaria, por isso, de agradecer a vossa presença nesta noite. Sinto por todos vós, e pelo que cada um representa nas associações ou grupos a que pertence, uma estima pessoal. Nas vossas causas está o meu coração. E espero, de modo semelhante, que nas vossas perplexidades encontreis a Igreja como companheira de jornada. Marco encontro convosco sempre que o desejarem.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*